

RESENHAS

RELIGIÃO E AS TEIAS DO MULTICULTURALISMO*

RICARDO DELGADO DE CARVALHO**

OLIVEIRA, Irene Dias de. *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

Irene Dias de Oliveira é professora pesquisadora do Programa em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e investigadora de vários temas, entre eles, “Religião, multiculturalismo e etnicidade” e “Religião e violência”. No presente livro, *Religião e as teias do multiculturalismo*, Oliveira contribui com incomum bibliografia na área, explorando a religião, o multiculturalismo e seus inúmeros objetos interconectados, formando uma teia conceitual: estado-nação, identidade, etnicidade, cultura do ‘entre-lugar’, etnocentrismo cultural e religioso, riqueza das experiências religiosas e os desafios das Ciências da Religião, entre outros.

Nessa obra, criação de sua pesquisa de pós-doutorado, Oliveira preocupa-se em declarar nosso cotidiano cultural e religiosamente heterogêneo, combater o fundamentalismo, anunciar o insensato de comunidades em diáspora na contemporaneidade, ampliar o horizonte da multiculturalidade e outros, amparada pela Antropologia da Religião e outras ciências da Religião.

Dividido em quatro capítulos, Oliveira descortina a primeira divisão, ‘Os vértices do multiculturalismo: implicações e interfaces’, mostrando que o mosaico interdisciplinar do multiculturalismo está imbricado com o significado de estado-nação; este, por sua vez, fundado no mito da doutrina da soberania nacional, legitima poucos grupos étnicos que difundem suas ideologias, privilegiando assim, uma ou outra etnia em detrimento a diversas; e criando uma espécie de monoculturalismo.

* Recebido em: 20.03.2017. Aprovado em: 21.03.2017.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na PUC Goiás. Mestre em Educação. Professor de Filosofia na UFG. E-mail: ricarvalho73@hotmail.com

Dessa forma ‘mono’, funestas consequências se difundem como líquido pela sociedade ‘multi’: grupos minoritários ficam em segundo plano, quando não invisíveis; a cidadania marginaliza; grupos étnicos ou religiosos, que não estão no centro, sofrem de – e pela – baixa estima; a naturalização das desigualdades atormenta a muitos. Esses e outros resultados forçam levantar a bandeira do multiculturalismo, o reconhecimento da identidade ‘diferente’ – identidade que se forma no devir da vida –, o enterro de paradigmas dualistas, a implosão das ditadas verdades eternas e o fortalecimento das verdades relativas, a existência das culturas das margens e fronteiras – a cultura do ‘entre-lugar’ –, a dissolução dos discursos homogeneizadores da razão, o entendimento da realidade como fruto das convenções sociais. Tais conceitos formam uma nova teia de significados, significados multiculturais.

Se teia tem a ver com tecido, então tecer esses conceitos é entrelaçar nova forma de vida, nova percepção e estrutura intelectual-comportamental. Tecemo-nos, ao mesmo tempo que tecemos o outro e somos por ele tecidos. Mas, agora sim, um tecido que ampara o coletivo, que inclui os que sofrem nas margens e esquentam a existência, dando sentido e conteúdo amplo.

‘O prisma multicultural e a religião’ averigua os potenciais da religião como detentora da verdade última que, dessa forma, favorece divisões no tecido social, encolhe tecituras e fortalece o estado-nação declaradamente secular – mas substitui rituais religiosos por rituais sociais. Inspirada em Clifford Geertz, Oliveira define cultura e religião numa perspectiva para alargar visões de mundo e cosmovisões; em suma, não ‘temos uma cultura’, mas somos perpassados por muitas, numa simbiose diversa e rica. Por esse prisma multicultural, tem-se claro quatro pressupostos: a realidade é uma construção; as interpretações são subjetivas; os valores são relativos e; o conhecimento é um fato político. Esses são paradigmas que perpassam o multicultural se abrindo para o pluralismo religioso.

Em ‘O desperdício das experiências religiosas’, a autora consuma um juízo crítico na centralidade do cristianismo, em que a visão ‘mono’ diz ser a única religião salvadora. Agindo assim, fecha-se as portas para o diálogo, para as negociações, porosidades e flexibilidades. A ética da tolerância passa a ser aquela do tipo: ‘eu te suporto. Viva como eu ou saia do meu território’. Não se reconhece o outro como outro, mas um ‘ainda não eu’, como se o outro tivesse que se esforçar por alçar pé de igualdade na homogeneidade. Se o outro tem experiências religiosas diferentes da ‘visão mono e essencialista’, tais experiências são encaradas como inúteis. No entanto, pelo pluralismo religioso, faz-se importante examinar que estruturas de racionalidade, de consciência, de etnicidade, nacionalidade e religião não são únicas.

Por último, em ‘Pluralismo religioso e multiculturalismo: algumas conclusões’, Oliveira explicita o multiculturalismo como teoria do reconhecimento do outro e combate às formas de homogeneização. Igualmente, o pluralismo religioso como forma de resistência aos padrões universalizantes e pausteurizantes de certa religião que se pretende para todos. O alerta não serve apenas a uma, mas à todas religiões que têm a mesma pretensão, ou presunção. Isto posto, fica evidente a consonância com a concepção do multiculturalismo intercultural que, por sua vez, entende os conflitos como assimetria de poder, visão fixa, atemporal e a-histórica. Em consequência, na academia, as Ciências da Religião têm três desafios principais: repudiar paradigmas científicos binários e essencializados; construir cabedal conceitual no acolhimento às diferenças religiosas e; perceber que é um projeto educacional marcado por disputas e estratégias que visam solidariedade, fraternidade, respeito a si e aos outros e à natureza.

Essas são poucas percepções de um leitor vivente em tecituras que não tem fim, e que convida outros a ampliarem seus tecidos. Ler este livro não é só um ato solene para os que buscam empoderamento na liberdade de tecer, mas de fortalecimento e qualificação subjetiva nos domínios multicultural e pluralista religioso. Afinal, traduzir o outro com respeito é um desafio de cada um e de todos nós. Um desafio à contemporaneidade aspirada!